

A música do corpo e o movimento do som: um relato de experiência das aulas de música com alunos especiais pelo PIBID de música da UFPE

Comunicação

Caio Leoni Alves de Marias¹

Universidade Federal de Pernambuco

caiodemarias@hotmail.com

Resumo: Este relato de experiência tem como objetivo socializar o período de um semestre como bolsista na turma de alunos com necessidades educacionais especiais em uma escola estadual localizada em Recife. O texto narra as reflexões e os desafios encontrados no ensino de música na educação especial da rede pública, os seus desdobramentos para a formação docente e os benefícios no aprendizado dos alunos. Visando uma abordagem holística, o trabalho desenvolvido perpassa pelas aulas de músicas e atinge a expressão corporal; o alongamento; a memorização; o incentivo ao trabalho coletivo; o resgate das canções folclóricas, populares; as danças nordestinas; o caráter afetivo das músicas e dos movimentos. A metodologia baseia-se nos princípios do educador musical suíço Émile Jaques-Dalcroze na questão do uso do corpo para a compreensão dos aspectos sonoros somando-se à valorização da cultura local do contexto no qual os alunos estão inseridos.

Palavras-chave: educação especial, musicalização, expressão corporal

1. Introdução

O PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência) de música da UFPE elegeu algumas escolas para realizar o seu trabalho, por sinal com baixos índices no IDEB. Desde então os alunos bolsistas vêm atuando nas salas de aula nos ensinos fundamental e médio; nos eventos e nas atividades escolares; e nas turmas dos alunos especiais, onde dediquei parte do meu trabalho durante o período em que fui bolsista. Também funciona como

¹ Bolsista CAPES

um dos meios de complementação e de aprimoramento na formação do licenciando por proporcionar uma atuação na área de trabalho.

O programa assume importância fundamental para a formação do licenciando que visa a educação básica, sobretudo em escolas públicas, por trazer reflexões acompanhadas por desafios que convidam o futuro professor a esmiuçar e repensar suas práticas pedagógicas. Infelizmente, o espaço acadêmico e as discussões em sala de aula pouco vivenciam esta intensa realidade ou promovem a problematização destes fatores os quais poderiam despertar reflexões a cerca da estrutura da educação básica pública brasileira.

Não diferente das outras áreas, o ensino de música também deve fazer parte da educação especial porque segundo Joly (2003, p. 2) “por meio de um programa de educação musical bem estruturado é possível promover o desenvolvimento físico, intelectual e afetivo da criança com necessidades especiais.” Em outras palavras, música agrega valores, haja vista os seus benefícios, para contribuir com o trabalho que os educadores especializados neste tipo de educação vêm realizando.

Embora reconheçam-se as contribuições do ensino de música nas escolas regulares e o valor da educação para as pessoas com necessidades educacionais especiais, no espaço acadêmico e nas discussões sobre a educação, nem sempre houve tal compreensão.

A história da Educação Musical assim como a da Educação Especial demonstra certo descaso ao longo dos anos por grupos sociais, políticos e culturais que convencionam os limites entre normalidade e anormalidade, entre dom, talento e habilidade, competência. Apesar disso, os pesquisadores têm buscado a superação dessas diferenças, através de reflexões, questionamentos e pesquisas sobre o desenvolvimento dos sujeitos, os processos de ensino e os processos de aprendizagem. (KEBASH e DUARTE 2012, p.99)

A importância do processo de musicalização com especiais também é verificada, conforme Ferreira (2012, p.38) “a criança com déficit intelectual apresenta perturbações e limitações na forma de se relacionar com o meio e com os outros. O fato de essas limitações serem ao nível comunicativo, colocam entraves à forma de ela estar no mundo.” Portanto, a intervenção do papel do educador musical no desenvolvimento destes alunos se refletirá na relação entre seus colegas, amigos, familiares e toda a comunidade na qual se inserem.

2. Entrevistas

As entrevistas semiestruturadas iniciaram o processo da pesquisa com o objetivo de, além de responder a algumas questões importantes para planejar as aulas, promover uma conversa e o estímulo para os relatos das entrevistadas. Esta etapa da pesquisa é de suma importância para delimitar os meus objetivos, adaptar a metodologia e conhecer a estrutura do espaço onde ocorrerá o trabalho e compreender a cerca dos alunos especiais, bem como suas habilidades e limitações.

Foram entrevistadas três educadoras especializadas em educação especial. A primeira delas atuava em um cargo de coordenação na escola, entretanto trabalhava como professora em outra instituição e as outras duas eram professoras das duas turmas de especiais da escola, sendo uma delas substituta e a outra efetiva a cerca de dez anos. Os principais pontos questionados e conversados baseavam-se na questão da relação entre os outros bolsistas anteriores do PIBID com os alunos, na compreensão a cerca das habilidades e deficiências dos alunos especiais, no trabalho que já havia sido desenvolvido pelas educadoras e seus objetivos futuros.

Durante as entrevistas, foi relatado que a música é uma área bastante querida e receptiva pelos educandos que, segundo as entrevistadas, adoravam cantar em sala de aula e isso trazia-lhes tranquilidade e alegria para o ambiente de sala de aula, por esse motivo, elas solicitaram a atuação dos bolsistas nas suas turmas. Outra questão levantada por elas se referia à evolução dos alunos desde que chegaram à escola em decorrência do trabalho que havia sido feito. A professora efetiva respondeu que o início eles possuíam alguns problemas como a carência no processo de auto higienização, o comportamento agressivo entre os mesmos, a falta de interação com os colegas e, sobretudo, a dificuldade na aprendizagem.

Ao longo de uma década de trabalho, a professora expressou bastante satisfação da melhora e do aprendizado dos alunos. Ela os ensinou a higienização básica e necessária; os bons modos; o respeito entre os colegas partindo do pressuposto que enquanto estiverem juntos na mesma sala, seriam como uma família. Algumas atividades eram realizadas para conter o temperamento eventualmente efusivo, como os diversos tipos de relaxamento através da respiração, da automassagem e da massagem coletiva. No aspecto da aprendizagem, eles

puderam vivenciar várias experiências enriquecedoras em visitas com a escola a lugares como parques de diversões, cinema, museu, locais com apresentações artísticas e outros do gênero. Nas aulas havia um planejamento pedagógico para ser seguido, contudo as educadoras eram parcimoniosas para respeitar o tempo de aprendizado de cada um. Até o período das entrevistas, três alunos alcançaram a alfabetização e a professora efetiva cogitava a possibilidade de encaminhar um deles para o EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Quanto aos conteúdos, as educadoras contextualizavam bastante com os acontecimentos que os cercavam de modo que eles se sentissem inseridos no meio. Para promover a participação dos alunos, as professoras constantemente faziam perguntas sobre os temas discutidos durante todo o tempo a estimular a atividade cognitiva. Acrescentando a isso, os alunos especiais cumpriam com as tarefas em sala de aula que também exigiam não apenas o cognitivo, mas também o motor, como recortes, colagens, artesanatos, pinturas, desenhos e composições artísticas.

A partir disto, encontrei um terreno preparado para o meu trabalho, haja vista o exímio trabalho das educadoras e o crescimento dos alunos nas questões comportamentais e nas relações interpessoais. Mas apesar disso, as mesmas solicitaram o trabalho de musicalização, uma vez que não possuíam algum conhecimento sobre música, para aplicar outras atividades com os mesmos. Então, já aceitado o desafio, decidi iniciar um trabalho em consonância com o que as professoras trabalhavam com eles e à maneira como este era realizado.

3. Planejamento e Organização

Na sala de aula já havia alguns instrumentos de percussão simples, alguns deles artesanais produzidos a partir de materiais reciclados e outros próprios para atividades de musicalização. Eram duas turmas de especiais e, no momento da aula de música, juntavam-se em uma só, uma vez que as presenças em sala de aula eram bastante inconstantes e variava bastante a quantidade de alunos na aula. As professoras comentavam sobre as dificuldades enfrentadas pelos alunos como suas famílias, relacionamentos conturbados e até mencionaram sobre agressões sofridas por eles. Entretanto todo o trabalho que a professora efetiva havia desenvolvido com eles sobre afetividade resultava em um ambiente pacífico em sala de aula e os alunos eram muito prestativos durante as nossas atividades.

Para organizar o trabalho que eu iria desenvolver, parti do princípio de dar continuidade ao modo como as professoras realizavam o trabalho, uma abordagem que envolvia os aspectos cognitivos, afetivos, de socialização. Logo, planejei um trabalho que não obtivesse a exclusividade musical, mas sim funcional, interdisciplinar conforme diz Oliveira e Harder (2008 p.72) “Assim, o foco do trabalho do educador musical está na valorização do processo educativo e o desenvolvimento geral dos aprendentes, em vez de no produto final, musical”.

Um dos pontos que mais me chamou a atenção foi a ausência de um trabalho de educação física com os alunos, visto que as educadoras ministravam as suas aulas, mas não possuíam habilitação para tal tarefa e não havia professor de educação física que estivesse disponível para trabalhar com os mesmos. Contudo, compreende-se a falta de assistência por parte deste profissional, certo que não há o preparo adequado para atender às necessidades de uma educação especial. Por esse motivo, direcionei o trabalho para alongamentos comuns, danças nordestinas (coco, ciranda, maracatu), algumas coreografias que combinassem com as músicas trabalhadas e movimentos livres que acompanhassem os sons.

Após as entrevistas com as educadoras, as reflexões a cerca da educação musical, da especial e a estrutura; o contato com a turma, os objetivos foram repensados e, portanto, definidos baseando-se numa proposta como Gainza apud Miranda et al. (2013) defende que “a educação musical constitui uma contribuição significativa e sistemática ao processo integral do desenvolvimento humano.” A partir deste pensamento, seriam trabalhadas a musicalização com a finalidade de interação e a comunicação entre os colegas; a exploração da afetividade; o desenvolvimento do trabalho corporal de alongamento e dança; a contextualização cultural através das canções e danças; estímulo da atividade sensório-motora.

4. Relato das aulas

Nas aulas iniciais, apresentei uma proposta baseada na de Jaques-Dalcroze o qual elaborou a sua ideia a partir da conexão entre o movimento do corpo e o som em que, segundo Mariani (2012, p.39) “através da música, o aluno recebe toda uma educação que passa tanto pela experiência sensório-motora, como pela experiência estética.”. No momento da atividade, ajustávamos os movimentos de acordo com os sons dos instrumentos de percussão. Assim,

criávamos pequenas peças com coreografias elementares, as quais envolviam alongamentos básicos e comumente inseríamos algum tema representativo para aquela obra.

A memória é uma das dificuldades encontradas pelos alunos especiais e isto foi relatado pelas professoras, portanto me surgiu como desafio fazê-los memorizar as melodias que usaríamos em sala (canções folclóricas, melodias populares), algumas delas um ou outro aluno conheciam algum trecho. Quando fizemos “Canção de um povo de um lugar” de Caetano Veloso, ao cantarmos a melodia, alongávamos de acordo com a letra da música e o ritmo. No trecho “Todo dia o Sol levanta e a gente canta...” nós iniciávamos em pé, com a coluna curvada e os braços relaxados e depois, enquanto se cantava o levantar do Sol, os braços se esticavam para os lados até subi-los ao máximo. A música segue em “Finda a tarde a terra cora e a gente chora” e o movimento era realizado ao contrário do anterior.

Na aula seguinte, introduzi os ritmos nordestinos começando pela ciranda com as músicas “Peixinhos do Mar” e “Peixe Vivo”. A turma foi dividida entre os meninos e as meninas (também havia adultos na turma) para explorarmos as questões sonoras de timbre e altura; enquanto eles cantando perguntavam “Quem te ensinou a nadar?”, elas respondiam com a melodia “Foi, foi, foi, marinheiro, foram os peixinhos do mar”. As melodias eram acompanhadas de um simples gesto sonoro, assim como todas as outras músicas utilizadas, logo aqueles que cantavam faziam um gesto e os que estavam em pausa deveriam respeitar o momento de silêncio aguardando a vez de cantar. Dessa maneira, pudemos trabalhar com a participação de todos em que percebessem a sua importância individual em cada momento e controlassem a enérgica ansiedade de produzir som o tempo todo. Após esta atividade, demos as mãos e aprendemos juntos a ciranda. Neste instante, os que sentiam dificuldades de acertar os passos eram ajudados pelos que conseguiram com mais rapidez, o que promovia o sentimento de coletividade e de solidariedade entre eles.

A fim de variar o caráter das atividades, houve também aulas sem canções, mas com o uso dos instrumentos de percussão que ficavam na sala de aula. Neste dia, todos tiveram a oportunidade de vivenciar o papel de um regente, pois, naquela tarefa, o “maestro” se posicionava no centro do círculo onde estavam os instrumentistas e aluno que estava ao centro tinha usar o corpo para determinar como os demais alunos deveriam tocar os seus instrumentos, portanto fazia-se necessário que eles mexessem cada vez mais partes diferentes

do corpo e de variadas maneiras para obterem mais possibilidades sonoras. O objetivo da atividade fundamentava-se nos parâmetros ou propriedades do som (altura, duração, timbre, intensidade e densidade).

Outra atividade atípica que não continha canções foi a de percepção associada às cores. Foi aproveitado um jogo de peças de encaixe em cinco cores diferentes e uma flauta doce tocada por mim para a atividade. Foram escolhidos sons bastante discrepantes porque pretendi ser progressivo na dificuldade do exercício, por exemplo, uma cor (amarelo) representava um trinado longo na região aguda e outra (azul) representava poucos sons graves e lentos, contudo os alunos não conseguiram diferenciar os sons pelas cores que eles indicavam. Entre todas as atividades, esta foi a única em que não se teve resultado positivo e coincidentemente também a que não utilizamos movimentos corporais.

Quando chegamos mais perto do fim do semestre, as dificuldades foram aumentadas nas atividades com os passos de maracatu acompanhado a música “Mulher Rendeira” e percussão com copos com a música “Lavar as mãos” de Arnaldo Antunes na versão do grupo Palavra Cantada. Enquanto eu cantava a música, alguns alunos me acompanhavam cantando o refrão, embora o objetivo fosse o *ostinato* com os copos. No momento da atividade percebi que não poderia exigir de todos eles o mesmo nível, haja vista que são particularidades e habilidades distintas, então me contentava se um aluno mais retraído realizasse apenas um movimento mantendo a pulsação e houvesse a ideia do tempo forte, pois as batidas com os copos eram apenas no pulso.

5. Considerações finais

Apesar de se ser um semestre letivo, uma parte considerável de aulas não foram realizadas por dois principais motivos: um deles, benéfico, eram os eventos e passeios que os alunos participavam como cinema, museu, teatro, parque de diversões conforme supracitado; o outro dava-se por haver problemas estruturais da escola como reflexo do descaso da educação por parte do estado, como a falta de recursos básicos para a realização das atividades e a brusca oscilação da quantidade de alunos durante a aula, pois houve dias em que apenas um quinto da turma estava presente.

Durante o período de trabalho com os alunos especiais, os objetivos foram atingidos nos aspectos da compreensão do som com o movimento; o aprendizado vivenciado da Rítmica; o processo de musicalização associado ao corpo numa proposta que consiste em aprender sobre os parâmetros do som com o auxílio dos movimentos corporais, não apenas os parâmetros, mas as canções; um breve conhecimento e vivência a cerca de algumas danças nordestinas e músicas folclóricas e populares, certo que houve a preocupação dos alunos estarem inseridos culturalmente no meio onde vivem e se autorreconhecerem como participantes daquela cultura.

Para a minha formação como educador musical, esta experiência trouxe a resiliência diante do impacto provocado pelas problemáticas da educação musical e da educação especial unidas em uma escola pública, pois desafia-nos a realizar um trabalho perante as intempéries deixando-me preparado para situações semelhantes. A integração foi acidentalmente, e beneficemente, feita como uma via de mão dupla porque enquanto eu programava os conteúdos visando a inserção dos alunos no meio cultural comum, estive imerso no meio deles e aprendi a me comunicar, interagir de um modo em que era bem compreendido a ponto de esquecer as nossas diferenças; ao invés de pensar em agir diferente porque se tratam de pessoas com necessidades educacionais especiais. Por isso faz-se necessário não só que os educadores se debrucem sobre a educação especial para aprender a lidar e criar vínculos com os mesmos, mas também envolver o restante dos alunos da instituição do decorrer da permanência da escola e da formação humana e integral de ambos.

Referências

FERREIRA, Isabel Maria Campos. **A importância da Música no desenvolvimento global das crianças com Necessidades Educativas Especiais: perspectiva dos Professores do 1º Ciclo e de Educação Especial.** Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2012.

HARDER, Rejane; OLIVEIRA, Alda. **Articulações Pedagógicas em música: reflexões sobre o ensino em contextos não-escolares e acadêmicos.** Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia, 2008

ILARI, Beatriz; MATEIRO, Teresa (org.). **Pedagogias em Educação Musical,** Curitiba: InterSaberes, 2012.

JOLY, Ilza Zenker Leme. **Música e Educação Musical: uma possibilidade concreta para promover o desenvolvimento de indivíduos.** Artigo, Revista do Centro de Educação da UFSM, volume 28, 2ª edição, Santa Maria, 2003

KEBACH, PATRÍCIA; DUARTE, ROSANGELA. **Educação Musical e Educação Especial: processos de inclusão no sistema regular de ensino.** Textos & Debates, p. 98, 2012.

MIRANDA, M. A.; MATOS, M. A. S; SILVA, R. M. M. **A música na educação especial: inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais no NEPPD.** SEMINÁRIO INTERNACIONAL INCLUSÃO EM EDUCAÇÃO, 2013.

RAMOS, Jefferson. **A música corporal como ferramenta pedagógica para a musicalização.** Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Artes da Universidade Federal do Paraná, 2013.